

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**AS MUDANÇAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E O CAMPO DA**  
**GESTÃO: REFLEXÕES PARA O ENSINO DA ADMINISTRAÇÃO**

Gustavo Bigetti Guergoletto  
Instituto Federal do Paraná – IFPR - Campus Colombo  
gustavo.guergoletto@ifpr.edu.br;  
Marcia Valéria Paixão –  
Instituto Federal do Paraná – IFPR - Campus Astorga  
valeria.paixao@ifpr.edu.br;

**Eixo 8: Educação e Política**

**Resumo**

Diferentes formas de organização do trabalho têm surgido desde a Revolução Industrial. Acompanhando os anseios do capital, a educação formal tem servido de provedora de profissionais que acriticamente desenvolvem novas tecnologias e formas de trabalho que tendem a exigir cada vez mais do próprio homem. Nos parece que o ensino de gestão nas diversas carreiras pouco tem contribuído para a formação crítica dos seus profissionais, uma vez que os valores que majoritariamente são ensinados nos cursos tendem a reproduzir formas de aumentar o lucro empresarial sem considerar a valorização do significado do trabalho para os trabalhadores e a necessidade de se pensar o nosso contexto social. Este artigo tem intuito de suscitar essas provocações, apontando o grande empenho debruçado no aumento da produtividade e o pouco empenho pendido à qualidade de vida do trabalhador e a significação do trabalho em seu sentido ontológico. Para tanto, foram realizadas revisões bibliográficas relacionadas às mudanças das formas de organização do trabalho e da potencialidade em formação crítica na educação profissional integrada ao ensino médio. Como resultado, sugere-se o ensino profissional integrado ao ensino médio como potencializador da formação crítica nos estudantes dos cursos de administração.

**Palavras-chave:** Organização do trabalho; Ensino da administração; Mutações do trabalho

**Introdução**

Diferentes formas de organização do trabalho têm surgido desde a eclosão da Revolução Industrial na Inglaterra em meados da segunda metade do século XVIII. Passados menos de 3 séculos, é inegável o extraordinário avanço da capacidade produtiva do trabalho oriundo da evolução tecnológica após essa revolução. No entanto, há controvérsias de se os avanços tecnológicos e produtivos do trabalho acompanharam a evolução das relações sociais dos seres humanos. A tecnologia que permite hoje ao homem

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

trabalhar remotamente é a mesma que tira os limites de tempo dedicado ao trabalho, exigindo que estejam trabalhando mesmo nos períodos onde deveria haver o descanso. Da mesma forma, seja em qual parte do mundo estejamos, a nova organização do trabalho imposta pelo sistema hegemônico, que busca incessantemente aumentar os lucros dos detentores dos meios de produção, têm intensificado a exploração do trabalho de diversas formas. Acompanhando os anseios do capital, a educação formal tem servido de provedora de profissionais que acriticamente desenvolvem novas tecnologias e formas de trabalho que tendem a explorar cada vez mais o próprio homem.

Neste sentido, nos parece que o ensino de gestão nas diversas carreiras pouco tem contribuído para a formação crítica dos seus profissionais, uma vez que os valores que majoritariamente são ensinados nos cursos tendem a reproduzir formas de aumentar o lucro empresarial sem considerar a valorização do significado do trabalho para os trabalhadores e a necessidade de se pensar o contexto social. Sendo assim, considerando a influência da gestão na reconfiguração das formas de trabalho, é urgente a problematização das limitações do atual modo de produção que é levado ao limite nos infoproletariados<sup>1</sup>, por exemplo.

Para a apresentação do presente trabalho, na primeira parte iremos trazer algumas mudanças ocorridas na forma de organização do trabalho, desde a revolução industrial até a consolidação do regime flexível de produção e trabalho. Na segunda parte, iremos verificar o potencial educativo existente na educação profissional e tecnológica integrada ao ensino médio, uma vez que é onde se espera a implantação do pensamento crítico capaz de romper com essa lógica que precariza, debilita e exclui. Acreditamos que nessa modalidade de ensino seja possível o rompimento com essa racionalidade instrumental, onde se convence que está avançando técnico e socialmente, mas que na verdade está completamente submetida ao controle do capital, de forma irracional.

Portanto, este artigo tem intuito de suscitar essas provocações, apontando o grande empenho dos gestores no aumento da produtividade e o

---

<sup>1</sup> Infoproletariado – Termo utilizado por Ricardo Antunes e Ruy Braga no livro - Infoproletários: degradação real do trabalho virtual (2009) para designar os trabalhadores que utilizam a tecnologia como meio em suas atividades.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

pouco empenho pendido à qualidade de vida do trabalhador, assim como fortalecer a proposta do ensino profissional integrado ao ensino médio como aliado na busca por uma formação mais crítica dos gestores.

### **Objetivos**

O presente artigo tem como objetivo geral fortalecer o debate das potencialidades do ensino integrado na formação de indivíduos críticos capazes de refletirem e desenvolverem práticas humanizadas na gestão empresarial e nas formas de organização de trabalho contemporâneas.

### **Metodologia**

Como procedimento metodológico para o desenvolvimento do presente artigo foi realizada uma revisão bibliográfica em livros e artigos que tratam da evolução das formas de organização do trabalho desde o Taylorismo até o presente momento, bem como dos potenciais da educação profissional integrada ao ensino médio com o intuito de identificar as suas possibilidades de desenvolvimento de pensamento crítico nos estudantes.

### **Referencial teórico**

#### **As transformações no mundo do trabalho**

Da primeira Revolução Industrial ao infoproletariado passando pelo Taylorismo, Fordismo e Toyotismo, as relações sociais impulsionadas pelo neoliberalismo, colocaram à margem um grande contingente de trabalhadores que, desprovidos dos meios de produção e de qualificação adequada à nova demanda produtiva, passaram a submeter-se a trabalhos precarizados para a manutenção de sua sobrevivência.

Para o início de nossa análise é relevante reiterarmos a relação do homem com o trabalho e a sua capacidade de transformar o ambiente em que vive. Para Geraldo Augusto Pinto (2007)

em todas as áreas do conhecimento científico, comprovou-se ter sido a capacidade de trabalho, enquanto atividade constituída de “planejamento” e “execução”, o diferencial dos seres humanos frente aos demais seres vivos, no metabolismo que processam com o meio ambiente para sobreviverem (p.9).

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Segundo o autor, com o passar do tempo e o desenrolar de toda a história humana,

o trabalho não apenas manteve-se, como se mantém até hoje, como a base da sobrevivência humana, o ato primário e pressuposto de toda a nossa história. Assumindo novos papéis, não apenas na apropriação da natureza e no desenvolvimento de uma concepção racional sobre ela, o trabalho consolidou a cultura dos povos e a diferenciação política interna de suas comunidades, assumindo, por fim, no âmbito da sociedade atual, o papel central na constituição das classes sociais que a compõe, sendo que no interior destas, está a base da formação da identidade de seus indivíduos (PINTO, p.10).

A organização e divisão do trabalho entre quem planeja e quem executa já data de longos tempos, a exemplo das construções faraônicas e dos templos antigos. No entanto, faz-se importante ressaltar, que “esse sentido estritamente técnico de encarar a organização do trabalho foi incorporado pelo modo de produção capitalista e submetido aos interesses de classes aí envolvidos, especialmente após as primeiras revoluções industriais, do século XVIII em diante” (PINTO, 2007, p.19). A incorporação da divisão da organização do trabalho pelo então novo modo de produção e a captura das técnicas de produção, até então exclusiva dos artífices, permitiu grande ganho de escala produtiva, porém não sem deixar marcas da contradição dessa evolução.

Nesse contexto, ao final do século XIX, em um momento em que ciência surgia nas diferentes áreas do conhecimento, administradores oriundos de distintas formações, alguns deles proprietários das empresas e outros apenas empregados na supervisão e gestão, buscavam formas de racionalizar o trabalho dentro das indústrias. É nesse cenário que os estudos de Frederick Taylor (1856 – 1915), engenheiro mecânico de formação, são esquematizados e divulgados em forma de princípios científicos, sendo amplamente aceito e tendo a sua aplicabilidade colocada em prática em grande parte da cadeia produtiva, atendendo assim aos anseios dos detentores dos meios de produção. Nos estudos e definições de teorias da administração, a esse período histórico é dado o nome de Administração Científica, justamente em virtude das tentativas de aplicação dos métodos da ciência aos problemas da administração, a fim de alcançar elevada eficiência produtiva. Apesar de Taylor ser visto como o expoente dessa “revolução” e considerado o “pai da

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Administração Científica”, diversos estudiosos da administração citam as contribuições de outros integrantes que de alguma forma fazem parte dessa fase histórica retratada como “Taylorismo”. Um exemplo da contribuição de outros observadores do processo de trabalho na época são os feitos de Frank Gilbreth (1868 – 1924) e Lillian Gilbreth (1878 – 1972), cujo estudo era focado na observação do movimento, visando a redução da fadiga e aumento da eficiência, resultando em maior produtividade. Apesar de figurarem como integrantes da Administração Científica, ambos são considerados na literatura como humanistas por se preocuparem com a fadiga. Humanistas ou não, seus estudos sobre os movimentos foram incorporados à administração científica. Posteriormente, tal estudo fez parte do livro Princípios de Administração Científica, publicado em 1911 por Taylor. (MAXIMIANO, 2004, CHIAVENATO, 2014, BERNARDES; MARCONDES, 2003).

Após o modelo de organização da produção Taylorista um novo modelo surge com pequenas adequações, porém com o mesmo objetivo final - o aumento da produtividade e conseqüentemente maiores lucros aos industriais da época. Nossas observações a partir deste ponto referem-se ao modo de produção Fordista, que pouco se difere do modelo anterior, mas que levou o reducionismo das tarefas laborais dos operários a níveis de simplificação extremos.

O expoente desse emergente modelo de organização da produção foi Henry Ford (1863 – 1947). Estadunidense e engenheiro mecânico de formação, possuía como ideia básica a padronização dos produtos a fim de obter elevados ganhos de escala de produção e conseqüente redução do custo final do produto. No entanto, não foi somente a ideia da padronização implantada por Ford que levou o fordismo a ser conhecido como é hoje. A linha de montagem e a instalação de esteiras automatizadas foi um marco revolucionário à época.

Para Afonso Fleury e Nilton Vargas (1983),

no (...) novo modo de organização idealizado por Ford (...) a própria máquina assumia o papel antes delegado ao corpo de planejamento fabril. As peças deslocavam-se automática e ininterruptamente, suprimindo o trabalho de todos os homens da produção, sem esperas nem paradas. Ao operário só lhe restava seguir essa cadência, fixo no seu posto de trabalho, e alimentado continuamente de novos materiais que sofreriam a

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

ação de seus membros. Para fazer frente a esse ritmo produtivo, era impelido a mecanizar os seus movimentos. A linha de montagem tornava-se, assim, notável instrumento de intensificação do trabalho” (FLEURY; VARGAS, 1983, p.26).

Conforme pode ser constatado ao analisar o funcionamento do sistema Taylorista/Fordista, a extrema simplificação das atividades do trabalho levou o operário a se tornar efetivamente um “apêndice da máquina”, assim como descrito por Karl Marx no século XIX (PINTO, 2007, p.45).

O sistema taylorista/fordista apresentou perda de eficácia já em meados da década de 1930. Maximiano (2004) nos indica uma das causas da prematura perda de eficiência desse modelo de organização do trabalho, ao afirmar que a prioridade dos integrantes do movimento taylorista/fordista ao elaborarem seus princípios, “era o sistema técnico, já que eram em sua maioria engenheiros preocupados com a eficiência e não com as pessoas” (p.235). Sendo assim, ainda que em plena utilização, estudos apontavam elevada insatisfação dos operários. Suspeitava-se que a insatisfação estava relacionada com os sentimentos que os trabalhadores desenvolviam dentro do grupo com os quais trabalhava (PINTO, 2007, p.67). Para os adeptos da perspectiva comportamental, esse sentimento de incompletude dos indivíduos dentro do ambiente de trabalho era justificável, pois para eles, segundo Maximiano (2004)

(...) o importante em uma organização é o sistema social. Os sistemas sociais são formados por pessoas e suas necessidades, sentimentos e atitudes, bem como seu comportamento como integrantes de grupos. (...) No centro do processo administrativo está o ser humano e não o sistema técnico, quando se aplica a visão comportamental, “o ser humano é a medida de tudo” (p.232).

Sendo assim, o intenso ritmo proposto pelo modo de organização da produção taylorista/fordista, e a conseqüente divisão das tarefas e isolamento do trabalhador em seu posto de trabalho, era terreno fértil para o surgimento dessas insatisfações. Tais insatisfações deram impulso a uma série de novos estudos, dentre eles os iniciados por Elton Mayo (1880 – 1949), Kurt Lewin (1890 -1947), e mais tarde complementado por Abraham Maslow (1908 – 1970) entre outros. A esse movimento humanista ocorrido nas organizações os estudiosos das teorias da administração denominam “Escola

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

das Relações Humanas”, e reconhecem a importância desse movimento ao tentar equilibrar, mesmo que sem êxito, as relações e os objetivos antagônicos entre empresa e empregados.

No entanto, foi no Japão que surgiu o novo modelo de organização da produção. Parcialmente destruído após o final da segunda guerra mundial em 1945, os japoneses precisavam iniciar a sua reconstrução e a reestruturação do seu país. O precursor desse processo foi Taiichi Ohno (1912 – 1990), engenheiro mecânico responsável por resgatar a empresa onde trabalhava da eminente falência em 1940. À época, Ohno era o diretor da Toyota Motor Company, empresa na qual desenvolveu e aplicou as suas melhorias operacionais, o que veio posteriormente na década de 1950 a ser chamado de Sistema Toyota de produção.

O sistema Toyota de produção era altamente flexível. Com um parque industrial reduzido no período pós-guerra, os japoneses necessitavam produzir diversificados itens, porém em poucas quantidades. É a esse fator que Taiicho Ohno atribui o sucesso inicial do sistema japonês de produção, sua capacidade adaptativa, flexível.

Outra característica do sistema Toyota de produção é a necessidade do trabalhador ser o responsável pela programação e controle de produção das máquinas sob sua responsabilidade. Alia-se a isto, o surgimento das máquinas autônomas que, ao identificarem eventuais irregularidades, param automaticamente a produção. Com base nesta característica, um só operário passou a ser responsável por mais de uma máquina, exigindo assim mais do trabalhador. No entanto, esta exigência não diminuiu a sua alienação quanto ao trabalho.

Se no sistema taylorista/fordista a busca pela simplificação dos processos e alta especialização dos operários na execução das tarefas eram o objetivo máximo, no Toyotismo o empregado polivalente é o desejado. À essa fusão de várias funções e atividades deve-se o termo de trabalhadores “multifuncionais” do sistema Toyota.

Uma observação relevante em relação ao sistema Toyota de produção é a criação das “células de produção”. Essas células, segundo Pinto (2007) “constituem-se de equipes de trabalhadores, que podem alternar-se em

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

seus postos conforme o volume de produção pedido ou metas de qualidades exigidas” (p.80). Outra característica das células de produção, é que a avaliação e observação dos funcionários passa a ser exercida pelos próprios funcionários. Nesse sistema a avaliação passa a ser sobre o desempenho da equipe e não mais individualmente. Dessa forma, a própria equipe passa a cobrar desempenhos individuais satisfatórios de todos os membros. Nas palavras de Pinto (2007), “qualquer manifestação de desinteresse, fadiga ou revolta por parte de um dos seus membros é imediatamente constatada como ameaça ao restante do grupo, que passará (...) a coagi-lo, pessoalmente, em nome da empresa” (p.92). E é neste ponto que uma das principais diferenças entre a organização taylorista/fordista e a toyotista reside, operando de forma opostas. Enquanto na primeira a responsabilidade pelo aumento contínuo da produtividade e da qualidade do trabalho operacional que coordenam eram responsabilidades das esferas gerenciais, no segundo tais melhorias devem partir dos grupos que executam as tarefas. Ou seja, os próprios membros das células buscam continuamente aumentar a sua eficiência e eliminar suas perdas. À gerência, nesse modo de organização, cabia “incentivarem tais atitudes e coordenarem os esforços entre todos os processos, focando-se na análise do desempenho global das instalações e na possibilidade de utilização flexível das forças produtivas e de trabalho dispostas” (PINTO, 2007, p.92).

O sistema de produção flexível é extremamente eficiente no ajuste da produção de acordo com a demanda. Como consequência, a flexibilização da produção exige que se flexibilizem também as leis que regulamentam o uso e a alocação da força de trabalho pelas empresas. Desse modo, inúmeras formas de precarização dos contratos e das condições de trabalho surgem, impondo à classe trabalhadora a necessidade de constantemente buscar mais qualificação para adequar-se às novas exigências do sistema. No entanto, vale ressaltar que atualmente boa qualificação e constante capacitação não é garantia de estabilidade no sistema, mas reflete a nossa aceitação da necessidade de sermos polivalentes.

É nesse contexto de abrandamento das regulamentações trabalhistas combinado com os avanços da tecnologia, que Ricardo Antunes (2009) nos aponta o surgimento do “infoproletariado”. São exemplos destes



**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

trabalhadores os vendedores de comércio digital, os trabalhadores de aplicativos de transporte e de entregas, os técnicos da indústria de softwares e os trabalhadores de telemarketing, entre outros. Corrobora com o surgimento dos “infoproletários”, as profundas transformações decorrentes da realocação da força de trabalho da indústria para os serviços, do trabalho assalariado para o autônomo, do emprego presencial para o virtual” (KANAN, ARRUDA, 2019 apud MELEK, BOSKOVIC, p.9). Eles são os novos operadores do sistema produtivo que sonham com as facilidades trazidas pela tecnologia, como a flexibilidade do horário e jornada de trabalho, autonomia e liberdade para escolha de atividades não braçais ou mais leves do que aquelas vividas nas indústrias antes da era digital. No entanto, Melek e Boskovic (2019) nos apontam que o encontrado foi o oposto: “risco da atividade suportado exclusivamente por eles, pouca ou nenhuma estabilidade, nenhuma garantia de remuneração, patologias típicas desse modo de produção e jornada exaustiva de trabalho (p.10).

Os infoproletariados são a expressão mais sofisticada do trabalhador integrado e capturado pelas relações flexibilizadas de trabalho, na maioria das vezes submetido a trabalhos informais, sem direitos garantidos, intensificando as formas de precarização do trabalho. Salieta-se que tal forma de organização é mais sofisticada uma vez que contempla as diversas características dos diferentes modos de organização do trabalho anteriormente vistos. Sofrem o excessivo controle das suas tarefas, assim como no taylorismo, exigem alta produtividade conforme o fordismo, e responsabilizam e capturam o trabalhador de forma mais intensa, como no Toyotismo (ANTUNES. 2009).

**O sistema de produção flexível e a educação profissional integrada.**

Para Kuenzer e Grabowsk (2016), esta reestruturação produtiva nos moldes da flexibilização impõe à expressiva parcela de trabalhadores condições ainda mais precárias e de exclusão, em que ser flexível “significa adaptar-se ao movimento de um mercado que inclui/exclui, segundo as necessidades do regime de acumulação” (KUENZER E GRABOWSK, 2016, p. 27).

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

A essa reestruturação produtiva, Moura, Lima Filho e Silva (2015) atribuem o dualismo existente hoje na escola moderna. A divisão social e técnica do trabalho é parte fundamental e estratégica do sistema capitalista que transfere sua lógica para as demais instituições sociais, dentre elas, a escola. A escola moderna surge para atender aos interesses do modo de produção atual e, assim, acaba por reproduzir seus mecanismos, operando de maneira dualista, na separação entre teoria e prática, entre trabalho intelectual e trabalho manual, “trabalho simples e trabalho complexo, cultura geral e cultura técnica, ou seja, uma escola que forma seres humanos unilaterais, mutilados, tanto das classes dirigentes como das subalternizadas” (MOURA, LIMA FILHO E SILVA, 2015, p. 1059).

Kuenzer e Grabowsk (2016) ao refletirem sobre a educação profissional a partir da dialética marxista, analisam as relações entre trabalho e educação no atual regime de acumulação pautado na produção flexível. Assim como Moura, Lima Filho e Silva (2015), Kuenzer e Grabowsk (2016) salientam que os projetos pedagógicos respondem às demandas do regime de acumulação flexível, de modo que novas formas de disciplinamento buscam a submissão, por parte da classe trabalhadora, aos processos flexíveis caracterizados pela intensificação e pela precarização, a configurar o consumo cada vez mais predatório e desumano da força de trabalho (GRABOWSK E KUENZER, 2016).

Apesar de imbricados nas demandas do regime de acumulação flexível, os projetos pedagógicos podem estimular o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, visando em seu processo formativo a reflexão acerca dos impactos sociais causados por novas organizações de trabalho irrefletidas. Tal concepção pode ser vista nos projetos de educação profissional integrado ao ensino médio, cujas propostas pedagógicas devem articular as atividades escolares com a contextualização do meio e das relações sociais dos discentes. Na construção do conhecimento, o currículo integrado organiza o conhecimento existente e desenvolve o processo de ensino-aprendizagem de forma que os conceitos sejam apreendidos como sistema de relações de uma totalidade concreta que se pretende

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

explicar/compreender. É nesse processo que se atribui o potencial de uma formação crítica aos estudantes dos cursos de gestão.

Seria possível, nesse sentido, conforme Araujo e Frigotto (2015), pensar em uma organização curricular a partir de uma perspectiva integradora, interdisciplinar e comprometida com a transformação social, que permita uma leitura ampla e contextualizada da realidade, mantendo uma “íntima vinculação com o projeto político de construção de uma sociabilidade” (ARAUJO, FRIGOTTO, 2015, p. 66). Entende-se que “a contextualização pressupõe, na perspectiva aqui trabalhada, a íntima articulação dos conteúdos formativos com a realidade social e com os projetos políticos dos trabalhadores e de suas organizações sociais” (ARAUJO, FRIGOTTO, 2015, p.69).

### **Conclusões**

A revisão das mutações ocorridas no mundo do trabalho recente e o prognóstico visível no horizonte são desalentadores. Além de toda a precarização do trabalho, conforme mencionado, há o desvirtuamento da nossa concepção de sociedade, o coletivo, o público. Mas, em que se pesem as mudanças, o trabalho continua sendo uma categoria fundante do sujeito e de suas relações sociais (ANTUNES, 2006). Ainda que o sistema hegemônico insista em impor o imediatismo e o individualismo exacerbado, onde cada um se torne responsável pelo seu sucesso ou fracasso, é necessário resgatarmos nosso senso coletivo, pensar nossa sociedade no longo prazo e olhar para cada indivíduo como parte de um todo. É necessário criarmos mecanismo para garantir que, através da educação, seja estimulado o pensamento crítico nas escolas.

Trabalhar nas disciplinas de gestão uma vertente crítica quanto à relação trabalhador versus empresa, lucro versus custos não tende a ser simples. No entanto, assim como expressos anteriormente por Araujo e Frigotto (2015), pensar em uma organização curricular a partir de uma perspectiva integradora, interdisciplinar e comprometida com a transformação social, que permita uma leitura ampla e contextualizada da realidade, mantendo uma “íntima vinculação com o projeto político de construção de uma sociabilidade” é uma saída possível e viável. É nesse movimento de conscientização de

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**

**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

pertencimento a um todo que a educação tem o seu papel fundamental. Deixar de estimular o pensamento crítico através da contextualização dos fatos históricos e das consequências disfuncionais incorridas no processo de transformação do trabalho pode vir a trazer mais disfuncionalidades tecnológicas e sociais no nosso processo evolutivo.

**Referências**

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**. 11ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Orgs.). **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. *Revista Educação em Questão*, v. 52, n. 38, p. 61–80, 2015.

BERNARDES, Cyro; MARCONDES, Reynaldo C. **Teoria geral da administração**: gerenciando organizações. São Paulo: Saraiva, 2003. (268 p.)

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração**: teoria, processo e prática. 5.ed. Barueri, SP: Manole, 2014. (469.p.)

FLEURY, Afonso; VARGAS, Nilton. Aspectos conceituais. In: FLEURY, Afonso; VARGAS, Nilton (coord.) **Organização do trabalho: uma abordagem interdisciplinar; sete estudos sobre a realidade brasileira**. São Paulo: Atlas, 1983. pp.17-37

GRABOWSKI, Gabriel; KUENZER, Acácia Zeneida. A produção do conhecimento no campo da Educação Profissional no regime de acumulação flexível. **Holos**, v. 6, p. 22–32, 2016.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração**: da revolução urbana á revolução digital. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2004. (521 p.)

MELEK, Marcelo Ivan; BOSKOVIC, Alessandra Barichello. A REVOLUÇÃO DIGITAL E O INFOPROLETÁRIO NO BRASIL. In: **59º CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO DO TRABALHO**. p. 9.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 63, p. 1057–1080, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n63/1413-2478-rbedu-20-63-1057.pdf>>.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**  
PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20:**  
taylotismo, fordismo e Toyotismo. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.  
104p